

# FORTALECIMENTO DE LÍNGUA AUTÓCTONE: MINICURSO EM SATERÉ-MAWÉ EM MAUÉS/AM

*Data de aceite: 01/02/2024*

### **Jomara Souza dos Santos**

Licencianda em Letras – Língua Portuguesa, no Núcleo de Estudos Superiores de Maués – NESMAU, da Universidade do Estado do Amazonas – UEA

### **Luis Alberto Mendes de Carvalho**

Mestre em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia, pela Universidade do Estado do Amazonas – UEA

(2010); língua como um elemento cultural Câmara (1965); a necessidade de se implementar a língua nativa em sala de aula pela Lei 9.394/96. Finalmente, as reflexões apontarão certo desconhecimento relativas à valorização e fortalecimento da cultura linguística indígena em sua dinâmica social nos dias atuais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Etnolinguística; Sateré-Mawé; Fortalecimento de língua.

**RESUMO:** O presente artigo comunica o resultado de uma ação extensionista vinculada ao Centro de Estudos Superiores de Parintins – CESP, realizada na cidade de Maués/AM. A ação teve como motivação o interesse pelo fortalecimento da Língua autóctone Sateré-Mawé. Neste trabalho destacamos as percepções dos participantes do minicurso dessa língua nativa, a qual, gradativamente, vem caindo em desuso. Ponderamos, igualmente, a respeito de algumas dificuldades a serem superadas no processo de fortalecimento do referido idioma. Ancoramos a breve análise na concepção etnolinguística, que trata das relações entre língua, sociedade e cultura, do contexto e dos falantes Barreto

## INTRODUÇÃO

A legitimidade de um curso de graduação não é fruto apenas de documentos que o compõe, como o diploma que dele pode resultar. No caso doravante relatado trata-se de legitimar ações consideradas importantes ao processo de ensino aprendizagem de docentes de Língua Portuguesa – LP formados no Núcleo de Estudos Superiores de Maués – NESMAU. O relataremos são reflexões e análises feitas do processo de realização de um minicurso de Língua indígena Sateré-Mawé – SM, em Maués/AM, pela aplicação de um projeto de extensão coordenado por docente pesquisador do Centro de Estudos Superiores de Parintins – CESP.

No que se refere a indígenas dessa etnia muitos deles deixaram o local de origem e residem na zona urbana. Nesta, buscam novas perspectivas de vida, adentram a vida acadêmica como forma de resistência e subsistência. Boa parte deles é bilíngue em Sateré-Mawé e Língua Portuguesa, contudo, em virtude dos desafios impostos e em função do uso da LP como língua oficial, quando adentram o ambiente escolar, a língua materna entra em desuso e, conseqüentemente, passam a se expressar apenas no idioma oficial.

Ressaltamos, além disso, que no Município de Maués, há poucos recursos didáticos para efetivar o ensino e/ou fortalecimento da língua nativa, tais como apostilas livros e impressos que poderiam servir de suporte para essa finalidade. Sendo assim, no contexto urbano, a Língua SM entra em um processo de apagamento, uma vez que o ensino não pode abrir mão de alguém fluente na língua e que saiba repassar, minimamente, o conhecimento linguístico. Conseqüentemente, analisaremos possíveis dificuldades existentes no ensino/aprendizagem da Língua SM e os principais aspectos etnolinguísticos que fomentam essas dificuldades por meio do conteúdo ensinado as pessoas que participaram do minicurso realizado no NESMAU.

Destacamos a importância da manutenção da Língua SM, tomando como base legal a LDB atual. A análise será qualitativa e fruto de coleta realizada por meio questionários aplicados e relato de experiência de participantes no referido minicurso de SM.

## **ESTRATÉGIAS DE FORTALECIMENTO DE LÍNGUA AUTÓCTONE**

A Língua Indígena SM, sob a perspectiva da etnolinguística, está em pé de igualdade em relação a qualquer outro idioma. Porém, o que se pode perceber ela carece de mais visibilidade dentro do próprio Município de Maués/AM. Sendo que a referida língua constitui uma estrutura riquíssima em seu contexto histórico, e é falada por mais de 7.500 pessoas, que residem na região geopolítica denominada de Médio Amazonas. A região é delimitada pelos municípios de Barreirinha, Parintins e Maués. Grande parte dos indígenas residentes nesse local fala a língua SM.

No entanto, se por um lado, em busca do próprio desenvolvimento educacional muitos indígenas adentrando o espaço acadêmico proporcionado pela interiorização da Universidade do Estado do Amazonas – UEA, ao usufruir esses direitos à educação superior, no espaço acadêmicos não é assegurado, aos nativos, a utilização da própria língua materna. Porém, “[...] a língua é falada atualmente por cerca de 80% da população Sateré que vive na Terra Indígena Andirá e Marau. É usada no dia a dia das comunidades: no seio familiar, em reuniões, em trabalhos comunitários, em encontros e assembleias” (CARNEIRO, 2012, apud MONTEIRO, 2015 p. 26).

Quando se pensa a respeito de uma língua indígena, é preciso levar em consideração não apenas o contexto comunitário, ao qual se vincula o ensino/aprendizagem, mas também o dia a dia acadêmico. Nessa perspectiva, a definição a respeito da língua, sinaliza que se

trata de um instrumento de comunicação usado por uma comunidade linguística real, um sistema comum de associações arbitrárias forma/conteúdo, da partilha das perspectivas históricas, que apontam a necessidade de se correlacionar o linguístico ao social, além da convicção de que a história de uma língua é a história de seus falantes.

A língua indígena SM integra efetivamente o dia a dia dos indígenas, por meio da qual conhecemos a história do povo indígena em base etnolinguística como ponto de partida de aquisição cultural e linguística. As relações pertinentes a língua SM e os indígenas estão amplamente ligadas desde o berço Mawé, que se situa nas atividades da caça, pesca, agricultura e nas reuniões que são realizadas no âmbito dessas comunidades. Sendo assim, os aspectos veiculados a língua Sateré deverão ser abordados em conjunto e não somente contraindo fragmentos, pois a língua permite mostrar elementos que estão amplamente interligadas, como propõe a etnolinguística, ou seja, não se deve abrir mão do contexto social e cultural, totalmente fundamentais na abordagem da língua, segundo Mattoso Câmara (1965):

Como um microcosmo da cultura. Tudo que esta última possui se expressa através da língua; mas também a língua em si é um dado cultural. Quando um etnólogo vai estudar uma cultura, vê com razão na língua um aspecto dessa cultura. Nesse sentido, é o fragmento para ascender a representação em miniatura de toda a cultura. E ainda mais: como elemento de cultura, a língua a língua apresenta o aspecto muito curioso de não ser em si mesma coisa cultural de si, a maneira da religião, da organização da família, da arte, da pesca etc; ela apenas serve dentro da cultura como seu meio de representação e comunicação. MATTOSO CÂMARA, 1965, apud MONTEIRO, 2015 p. 29).

Desse modo, é notável que a Língua SM agrega a cultura indígena e assim, estudá-la consiste também e inteirar-se na cultura étnica e seus aspectos, levando em conta o espaço onde os indivíduos residem e o modo de vida adotado por estes. No entanto, vale ressaltar a necessidade de não deixar a língua cair em desuso. Sendo assim é preciso adotar medidas que visem o fortalecimento da língua não somente no ambiente acadêmico de Maués, mas também para toda a sociedade. Para que ela tome conhecimento e tenha interesse na própria identidade linguística.

É neste sentido que a etnolinguística assume um papel importantíssimo. Não somente em relação às línguas, mas também na abordagem de mudanças no contexto linguístico, além das diversidades que se acentuam com o processo de mudança ocorrida na estruturação do povo indígena. De acordo com Barreto, (2010), conforme citado por Monteiro (2015), deve-se tomar em questão o fato de que: “A etnolinguística não analisa o fato linguístico isoladamente, mas sempre relacionando ao contexto em que ele foi produzido, considerando os dados linguísticos e extralinguísticos” (BARRETO, 2010, apud Monteiro, 2015, p. 22).

Nessa perspectiva, evidenciamos o contexto onde ocorreram os fatos e o espaço onde se realizou a manifestação cultural e linguística dos indígenas, trazida ao núcleo de

ensino, NESMAU, onde ocorreu o minicurso ministrado em SM, por um falante nativo. Indicamos ainda que o referido minicurso foi ministrado no Curso de Graduação em Letras, Língua Portuguesa, a acadêmicos indígenas e não indígenas.

## A METODOLOGIA

O caminho percorrido pela análise apresentada neste trabalho toma como base a natureza qualitativa, Minayo (2001) observa que:

[...] a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2001, p. 21-22).

O posicionamento analítico se constitui no trabalho com a própria realidade, ou seja, por meio de dados obtidos através dos questionários realizados durante o desenvolvimento do minicurso, o qual objetivava a investigação inerente ao objeto de estudo, no caso, as possíveis dificuldades no ensino/aprendizagem da língua SM, preparação de material paradidático para o ensino desse idioma no município Maués/AM, entre outras questões relacionadas ao processo de fortalecimento de língua nativa.

Dessa maneira, atribui-se uma significância a mais em relação aos fatos estudados que não podem ser considerados fora do contexto cultural, histórico e social. Assim, por meio das indagações levantadas durante a observação foram surgindo novas constatações que foram consideradas com o intuito de se encontrar soluções para os questionamentos no processo de análise dos questionários. Nesse ponto, procuramos destacar o objeto de análise com rigor, já que este ficará frente a frente com as possíveis contradições (MEZZAROBIA; MONTEIRO, 2003, p. 72).

Desse modo, analisamos as opiniões e relato de aspectos subjacentes na estrutura etnolinguística do minicurso em SM. Destacando-se as dificuldades do processo de ensino/aprendizagem da língua em questão, observadas sob a perspectiva de amadurecimento científico adquirida pela participação no referido minicurso, o qual poderá servir para encaminhar reflexões e aplicações didáticas na sala de aula dos professores em formação inicial, uma vez que serão eles os responsáveis pela prática de fortalecimento da língua SM onde estiverem atuando profissionalmente.

A técnica de coleta de dados utilizada foi aplicação de questionário para colher informações entre sete (07) dos quatorze (14) participantes, eleitos aleatoriamente a esta finalidade e mais um relato de experiência de participante do minicurso. Este percurso pode ser definido como um processo crucial de interação entre o pesquisador/observador e participantes do minicurso. Por isso, todo o material coletado foi relevante no procedimento de análise qualitativo.

Dessa maneira, tem-se a finalidade de apresentar aspectos em função das acepções presentes nos discursos dos participantes do minicurso, além de construir ideias inerentes ao conhecimento que eles passaram a possuir correlacionando-os à cultura indígena como fonte de produção docente e científica, legitimando o que nos assegura Fonseca, ao propor que “A pesquisa de campo baseia-se na observação dos fatos assim como ocorrem na realidade. O pesquisador efetua a coleta de dados diretamente no local da ocorrência dos fenômenos” (FONSECA, 2010, p. 70).

Ressaltamos que o procedimento metodológico de estudo de caso, somado ao breve relato de experiência legitima a natureza qualitativa, como propõe Goldenberg (2004). Visto que essa abordagem se centraliza na coleta de informações de modo mais detalhado e individual, no processo de aplicação do minicurso, o sujeito pesquisador participa ativamente, fazendo diversas observações prévias as quais também foram agregadas no processo de ensino e aprendizado do referido minicurso.

O minicurso foi ministrado pelo professor bilíngue em LP e SM, Ocivaldo Batista. Durante as aulas, o professor explicou os conteúdos com auxílio de uma apostila de autoria, elaborada com base em conhecimentos gramaticais e pedagógicos, com fins de demonstração do funcionamento de regras para uso próprio da modalidade escrita.

Todo o processo de busca por informações discutidas na análise foi realizado no NESMAU. Desse modo, o mecanismo metodológico permitiu realizar a coleta de dados face a face com os participantes, descrevendo minuciosamente as informações relevantes ao processo de fortalecimento da língua SM. A Extensão se realizou por meio do minicurso. Este artigo relata o ponto de vista dos participantes e o caminho percorrido no projeto de extensão que pleiteou fortalecer a língua autóctone SM, atribuindo-se, ao final, a necessidade de maior divulgação no contexto do Município de Maués e região.

## **VISLUMBRANDO POSSIBILIDADES**

O interesse em divulgar e fortalecer a identidade linguística em um curso de formação de professores para a rede pública, encontra aporte legal específico no Artigo 32 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB nº 9.394/96, o qual interpreta o Capítulo 210 da Constituição Federal, assim expresso: “O ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem”.

Saindo da letra legal para a sala de aula, o minicurso propiciou interação comunicativa entre os participantes, correlacionando com a realidade cultural de assimilação da língua SM, na qual o minicurso foi voltado não somente para os acadêmicos indígenas do NESMAU, mas também para qualquer professor em formação inicial que manifestaram interesse em conhecer a língua SM e estabelecer uma relação com o ensino/aprendizagem, posteriormente, no ensino fundamental.

Quando o minicurso iniciou, os participantes se depararam com uma novidade, ou seja, foi a primeira vez que havia se pensado em ministrar algo em SM no Ensino Superior, no Curso de Letras do NESMAU, considerando-se que em escolas indígenas, isso é natural que ocorra. No entanto, no contexto acadêmico isso é improvável, neste se tem pouco contato com a língua indígena, a exemplo do que se percebe, por exemplo, na orla da cidade, quando deparamos com indígenas dialogando em SM, porém, quando outra pessoa se aproxima eles encerram imediatamente o uso da SM e voltam à LP.

Como a LP é a oficial, em decorrência desse fato, não se demanda muitos desafios ao ensino pois o uso e contato ocorre de maneira natural. Mas, em se tratando da língua SM, há indisposição ao ensino e ao uso, como apontado no exemplo acima. Consequentemente, eram raros os materiais didáticos e paradidáticos para contribuir com as aulas do minicurso. Em função disso foi preciso superar as dificuldades no processo de implantação e no desenvolvimento da proposta de ensino apresentada.

### **Relato de Experiência: vivenciando desafios acadêmicos**

A participação como bolsista em um projeto de extensão foi a primeira etapa no processo que deu início ao desenvolvimento de um minicurso em língua SM, no NESMAU. A colaboração nas atividades do projeto teve duração de um ano e meio, cujo desfecho resultou na realização de um minicurso em língua nativa. Além disso, a ação nos oportunizou a participação em eventos escolares em Maués e na cidade de Parintins/AM. Nesta cidade vizinha de Maués, participamos de um evento científico, por meio de comunicação oral, na Universidade Federal do Amazonas – UFAM, quando divulgamos o que se estava sendo desenvolvido na extensão.

Em decorrência da participação no Projeto de Extensão, assegurada a apropriação de aspectos significativos de conhecimentos na temática, norteamos um tema de pesquisa para composição de Trabalho de Conclusão do Curso – TCC. Desse modo, é possível definir a participação no minicurso em língua SM em dois pontos. O primeiro diz respeito à aquisição de conhecimentos práticos a fim de implementá-los no futuro exercício da docência e, no segundo, como ponto problematizador para pesquisa para a composição do TCC.

O professor de SM trouxe para as aulas do minicurso uma nova perspectiva para aquisição acadêmica da língua indígena. O referido guarda de suas raízes na língua materna, mesmo após residir há vários anos na zona urbana de Maués. Preserva o idioma para não esquecer ensinamentos étnicos Mawé. De cada aula, tirava-se muito proveito da língua agregando-a à cultura e saberes provenientes do povo e isso só acentuou o interesse pelo modo de falar nativo.

Do mesmo modo como todos os participantes, presenciamos todas as aulas do minicurso. Para alguns de nós foi o primeiro contato com a referida língua, no sentido de

contato com os enunciados e segmentos gramaticalmente ensinados. Nossas primeiras impressões antecedendo o minicurso foram de que seria semelhante ao se adentrar em um curso de língua inglesa, devido ao campo enunciativo serem complexos.

Assim, criamos um grupo de discussão em uma plataforma de rede social para que os participantes do minicurso mantivessem a interação por meio da nova língua, como forma de intensificar o processo de aprendizagem por meio da prática. Logo, mediante o que havíamos apreendido nas aulas era imediatamente utilizado nos contextos de comunicação. Após as aulas era comum colocarmos no grupo: boa tarde, boa noite, bom dia, boa sorte, entre outros pequenos enunciados. Como o professor era integrante do grupo interagiu contribuindo nas dúvidas que surgiam e corrigindo palavras ou frases digitadas de maneira equivocada. Por isso, essa ferramenta de mídia permitiu ampliar o aprendizado da língua SM.

O contato com a língua SM fez perceber uma série de diferenças nas palavras em relação à LP. Compreender essas diferenças é fundamental para a aquisição do eixo fonético existente nas palavras e nos enunciados. Dentre as diferenças observadas se destaca o uso comum em muitas palavras das consoantes “W”, “Y”, “H”, “K” entre outras. Como exemplos, podemos tomar as seguintes palavras em SM, juntamente a tradução em LP: **wewato (boi)**, **wiwy (irmão)**, **ywytu (vento)**, **yi (terra)**, **hywi (gavião)**, **hanun (arara)**, **ykyt (sal)**, **mokiu (ingá)**. Destaca-se os casos em que essas consoantes se repetem na mesma palavra, como podemos observar nos exemplos citados. À medida em que se pronunciam as palavras nota-se que parte das vogais e consoantes têm funções diferentes da LP. Na palavra “**hanum**” (**arara**), o “**h**” é pronunciado no som correspondente ao “**r**” da LP.

Houve momentos no minicurso em que tivemos que lidar com essas dificuldades sonoras. Afinal, estávamos lidando com o ato de conhecer uma nova língua, dotadas de componentes e traços linguísticos inerentes. Isso nos trazia alguns questionamentos em relação às características da referida língua. Elaborar frases na língua SM não era uma tarefa muito fácil. Essa estratégia de aprendizagem nos demandava conhecimento acerca da língua. Descobrimos muitas palavras possuíam mais de um correspondente em LP. Nem sempre vamos ver conectivos entre os segmentos das orações em SM. Por vezes, o professor falava em SM e nos solicitava a repetição. Em seguida traduzíamos. Os pequenos avanços nos trazia motivação a continuar na prática de SM escrito no grupo e em breves diálogos entre nós.

No minicurso apresentou-se um conteúdo Sateré-Mawé de nível básico e todo esse conhecimento exposto pelo professor indígena fomentou novas ideias em relação ao acesso dessa língua em contexto urbano de Maués, principalmente, sobre a construção da língua uma vez que ela estabelece uma relação de extrema importância com o seu povo nativo Sateré, uma vez que a língua é um legado sagrado para eles e que narra a história de vida de seus falantes.

Nesse ponto enfatizamos a opinião de pessoas que estiveram empenhadas no andamento participativo do minicurso, objetivando esclarecer os posicionamentos que tratem dos pontos positivos e negativos em função do ensino da língua SM, no referido minicurso, levando em conta os aspectos de cunho etnolinguísticos e o fortalecimento desta.

A língua SM engloba muito mais que um idioma nativo em si. Ela faz parte da cultura indígena e seus saberes históricos diretamente ligados ao cotidiano, além das atividades que são parte do ensino/aprendizagem no processo de ensinamento da criança dentro da comunidade indígena. No contexto urbano, se torna desafiador o aprendizado da língua Sateré-Mawé, pois é preciso conhecer os aspectos que estruturam a escrita e a pronúncia da língua.

O minicurso também representou um fundo de anseio reflexivo, onde cada um estabeleceu o um vínculo próprio étnico e de autonomia sobre a importância da língua SM para novos falantes, em Maués. Essa língua necessita ser mais explorada, no sentido de contribuir com a demanda de muitos questionamentos que se perpetuam em torno dela em relação ao processo de segmentação Sateré e suas perspectivas de aquisição, mostrando as interfaces de significação plurais constituintes na Língua SM.

Para isso, trataremos a seguir das respostas obtidas por meio da aplicação de questionário aos demais participantes do minicurso.

Segundo o participante A; sobre a percepção em relação ao primeiro contato com a língua SM, no minicurso: ***“O contato mais direto com a língua indígena Sateré-Mawé fez perceber o quanto se está fora do contato com essa língua, diante da grande dificuldade em assimilá-la. Porém, o que mais me chamou a atenção é que na teoria tudo parece fácil, mas na prática, se descobre que ainda se tem muito a aprender em relação à língua.”***

Nota-se, inicialmente, uma questão impactante causada pelo acesso do participante com as palavras escritas e orais na Língua SM, ou seja, conhecer a Língua implicou notoriamente vários desafios. Um deles foi a dificuldade que ele teve em assimilar os segmentos sonoros e escritos da língua, o que não é comum vermos na Língua Portuguesa. Além disso, esses desafios têm a ver com a conclusão prévia que tínhamos, muitas vezes, ouvindo pessoas se comunicando na referida língua em diversos pontos da cidade de Maués, de que a Língua SM não iria impor tantas dificuldades na aprendizagem.

Porém, analisando minuciosamente a língua, vamos perceber que ela tem uma larga relação com a cultura e a sociedade como formas de saberes e ensino, e esse princípio é gerador múltiplos significados, muito mais abrangente do que se imagina. Dentro do núcleo familiar e nas embarcações rurais, percebe-se que os indígenas Sateré mantêm o processo comunicativo por meio de sua língua materna como forma de reverência e grandiosidade etnolinguística Mawé que se perpetua de geração a geração por grande parte dos índios Sateré.



Esse processo se dá em alguns lugares no contexto urbano, mas, principalmente dentro das comunidades indígenas na zona rural de Maués, onde há um número maior de moradores indígenas que contribuem para a proficiência em uso contínuo da língua. Um dos fatos importantes a se destacar, é que a maioria dos índios Sateré-Mawé, que residem na zona urbana são bilíngues. Porém, adentram o contexto urbano usam, predominantemente, a LP.

No minicurso foi possível debater essa questão e obter uma noção maior de estruturação vocabular que se acentua nos falantes nativos, os quais, muitas vezes, mesclam termos das duas línguas. Durante a aprendizagem, isso era notado também à medida que se lia ou até mesmo quando se tentava escrever, após ouvir o professor. Era uma maneira inusitada que prendia a atenção de quem participava das aulas.

Como podemos perceber na resposta dada pelo participante A: ***“Em particular, a maior dificuldade foi pronunciar os sons que não são comuns na língua Portuguesa, mas que os ouvimos algumas vezes de falantes nativos”***. O SM, como qualquer língua, possui as suas peculiaridades linguísticas e fonéticas inerentes a contextos de significados. A SM possui variados termos que a torna única e diferente das demais, como é o caso dos elementos sonoros de pronúncia de ***“r”***. Elencaremos apenas dois exemplos: o primeiro é a palavra ***“heika’at”*** (boa tarde), nesta, o ***“h”*** palavra em SM é pronunciado como ocorre na palavra “rei”, em LP. No segundo exemplo, a palavra ***“puruwei”*** (professor) se pronuncia como o som de ***“r”*** da palavra ‘arara’, regra que não funciona em todas as palavras em SM.

Segundo o participante B, sobre o desuso da língua em contexto urbano: ***“Está tendo desuso, pois a língua nativa está se perdendo com o passar dos tempos, sem muito interesse ou falta de oportunidade de se aprender essa língua.”*** Embora haja projetos de pesquisa, encaminhamentos de estudos e comunicações científicas por meio de monografias e artigos voltados para à questão linguística SM, ainda é um tema pouco pautado na sociedade de Maués/AM.

A resposta nos força a refletir sobre mais informações a respeito de direitos de identidade e linguísticos, a fim de reivindicá-los no contexto escolar e urbano, isso para que as pessoas tenham mais acessibilidade e oportunidade em aprender mais sobre a língua. Essa necessidade de fortalecimento no ato de se conhecer e utilizar esses conhecimentos no dia a dia é evidente.

Com o uso da SM se estaria não apenas conhecendo uma língua sagrada para um povo, mas também os legados culturais que resistem ao longo do tempo em uma sociedade que insiste em ser excludente em nome de um desenvolvimento que, aparentemente, sufoca as minorias e seus valores, os quais aos poucos vão sendo suplantado por uma cultura dominante, tanto na maneira de pensar quanto na morfologia de seus discursos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho é o resultado que se obteve por meio da realização de um projeto de extensão implementado no NESMAU de Maués/AM que se desenvolveu por meio de um minicurso na língua nativa SM. Ao nosso modo de ver, nos agregou muitos valores socioculturais que fazem parte da história da sociedade do Município de Maués/AM, alguns dos quais precisam ser resgatados ou valorizados a fim de receber o destaque merecido.

A Língua indígena SM está tão próxima e, paradoxalmente, ao mesmo tempo tão longe da sociedade maueense. Essa aparente contradição diz respeito ao que é perceptível no âmbito urbano. Pois, diariamente é possível se notar nas ruas da cidade pessoas indígenas que falam com naturalidade a língua SM, porém, não se sentem à vontade quando observadas.

Nesse mesmo sentido, a fluência não é perceptível no âmbito acadêmico, onde havia significativa parcela de nativos Sateré. Assim sendo, no curso de Letras do NESMAU havia pessoas da etnia Sateré que não se identificavam mais como tal e nem em seus grupos utilizavam sua língua materna, como ocorria com os falantes trazidos aqui como exemplo. Talvez por que no contexto acadêmico do NESMAU sempre foi ausente a atenção das políticas públicas voltadas ao exercício de tal direito à identidade linguística.

Dessa maneira, o projeto acima relatado deu voz a esse direito. Assim como se pretendeu, por meio dele, dar visibilidade científica, com fins de produzir um Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, chamando a devida atenção ao tema. Despertando a comunidade acadêmica para a necessidade de fortalecimento da língua autóctone SM. Sem esse empreendimento de esforço social, aliado a trabalhos acadêmicos com fins de divulgação, a língua em questão poderá cair em desuso. Não apenas por conta de mais de cinco séculos de dominação da língua oficial vigente em nossos dias, mas também por desconhecimento de direitos ao uso da identidade linguística no ambiente escolar.

## REFERÊNCIAS

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (orgs.). **Métodos de pesquisa – UFRGS**. Disponível em: <[www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf](http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf)>. Acesso em 13 setembro de 2017.

FONSECA, Luiz Almir Menezes. **Metodologia científica ao alcance de todos**. 4. Edição. Manaus: Editora Valer, 2010.

LABOV, William. Principles of Linguistic change. Cognitive and Cultural Factors: volume 3. Malden & Oxford: Wiley-Brackwell Publishers Inc., 2010.

FONSECA, Luiz Almir Menezes. **Metodologia científica ao alcance de todos**. 4. Edição. Manaus: Editora Valer, 2010.

MEZZAROBBA, Orides; MONTEIRO, Cláudia Servilha. **Manual de Metodologia no Direito**. Ed. São Paulo. Saraiva, 2009.

CARNEIRO, Denise de Souza. **Construções Negativas em Sateré-Mawé**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Uberlândia-Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos. Uberlândia: 2012.

CÂMARA, Jr, Joaquim. M. **Estrutura da Língua Portuguesa**. Petrópolis, Rio de Janeiro, 1965.

LIMA BARRETO, Evanice Ramos. Etnolinguística: **Pressupostos e Tarefas**, São Paulo: [s.n.], 2010. Disponível em [www.partes.com.br/cultura/etnolinguistica.asp](http://www.partes.com.br/cultura/etnolinguistica.asp)>. Acesso em: 11 dezes, 2018.

BORTONI-RICARDO, Stella Mari. **Educação em língua materna**. A sociolinguística em sala de aula. São Paulo: Parábola, 2004.

MINAYO, Maria C. de S. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Record, 2004.